

Agora, senadores esperam ser aendidos.

Os 33 senadores que se uniram para oferecer apoio incondicional ao governo Collor estão certos de que agora ficará mais fácil obter respostas afirmativas para os pedidos que eles frequentemente trazem dos seus Estados e que não são sequer examinados nos ministérios. "Participação na governabilidade" foi a promessa feita no almoço de ontem pelo presidente da República a 15 senadores do PFL, o que levou Odacyr Soares (RO) a chegar mais tarde ao Congresso dizendo que "Legislativo e governo agora estão mais próximos". Para Odacyr Soares, o ônus de apoiar o governo pelos próximos dois anos em plena recessão será compensado politicamente quando houver a retomada do crescimento do País.

O que deu a Collor a convicção da viabilidade do bloco foi a constatação de que não existe uma liderança de oposição capaz de aglutinar estas forças

no Congresso. Num determinado instante da reunião, o ministro Jarbas Passarinho afirmou aos senadores governistas que não existe a hipótese de união entre os oposicionistas devido a suas diferenças ideológicas. Collor disse ainda aos senadores que se a situação econômica apresentar melhorias — ele apresentou os sinais que o levam a crer na queda da inflação a partir de janeiro — os governistas terão condições de arregimentar novos apoios.

Estratégia

Para o líder do PDS na Câmara, Amaral Neto, o que está claro é que "esses senadores naturalmente vão abocanhar alguma coisa, até porque alguns são coloridos, mas muitos são mesmo é canibais". Na avaliação de Amaral, o presidente constatou que a Câmara é indomável e que fica mais fácil dominar 30 integrantes do Senado. Há um mês, Amaral

Neto entregou a Collor um documento sugerindo que ele adotasse a prática exercida pelo ex-presidente Castelo Branco, que não fazia nada sem antes ouvir as lideranças partidárias. Conforme Amaral, em 1964, era comum um parlamentar ser acordado de manhã com um telefonema do presidente da República. A idéia levada por Amaral ao governo até hoje não teve resposta, daí porque o líder acha que o presidente preferiu deixar de lado a Câmara e oferecer alguma coisa para ganhar o apoio do Senado.

Além de prometer participação na governabilidade, o presidente da República não ofereceu um só detalhe sobre como isso acontecerá. Negando enfaticamente que esse apoio em bloco tenha a contrapartida de cargos e favores no governo, o senador Ney Maranhão (PRN-PE) disse que o único propósito do presidente da República é facilitar a apro-

ição de projetos. "Com esse foco, podemos negociar mais rapidamente a escolha de um bloco, podemos negociar na comissão importante, podemos negociar qualquer coisa", explicava ele, no plenário.